



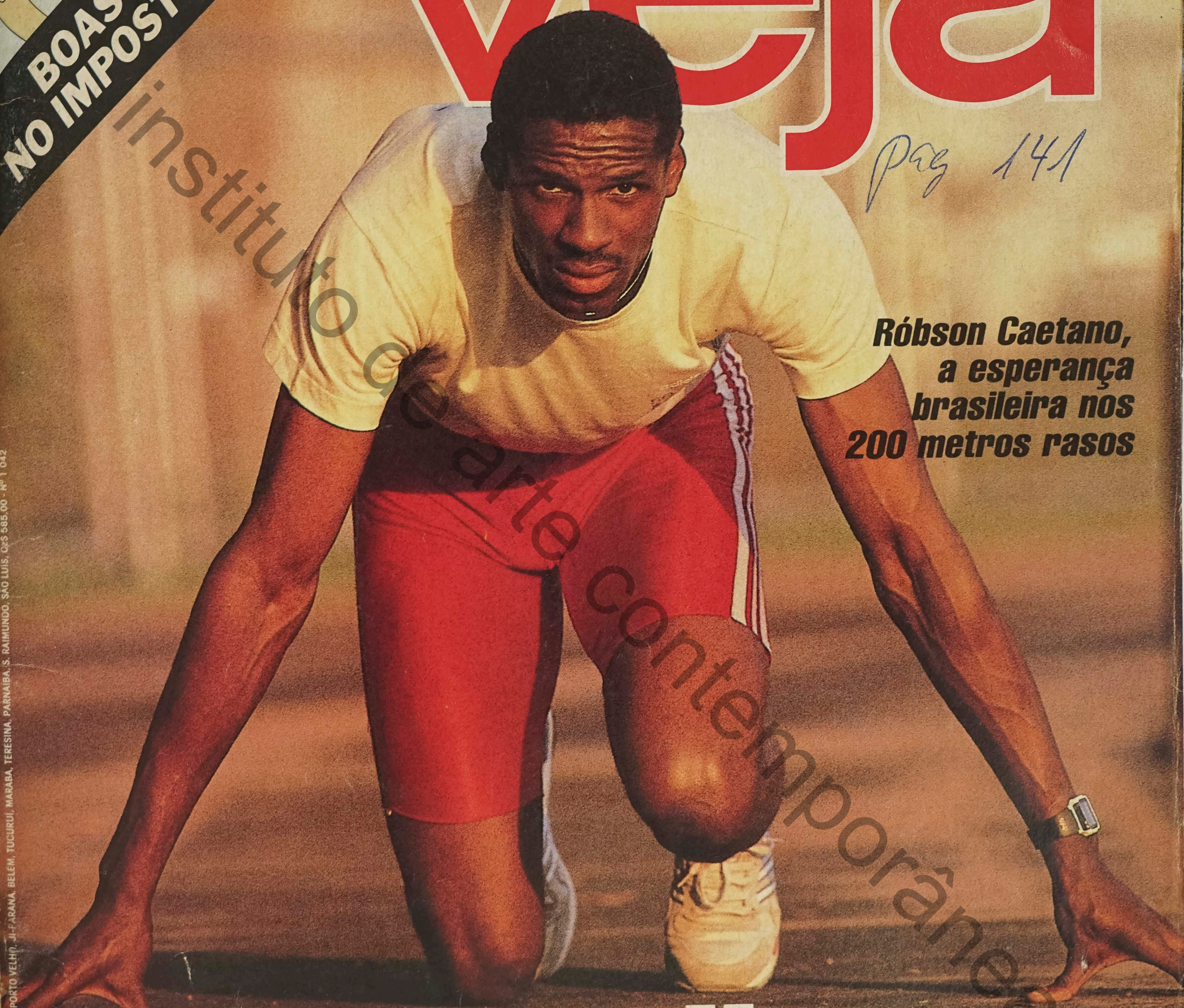
**BOAS NOTÍCIAS  
NO IMPOSTO DE RENDA**

1988

EDITORA ABRIL  
ANO 20 - Nº 34 - Cz\$ 450,00  
24 DE AGOSTO DE 1988

# veja

pag 141



**Róbson Caetano,  
a esperança  
brasileira nos  
200 metros rasos**

# O Brasil na Olimpíada

MARAUÍ, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ, PORTO VELHO, JI-PARANÁ, BELEM, TUCURUI, MARABÁ, TERESINA, PARNAÍBA, S. RAIMUNDO, SÃO LUIS, Cz\$ 585,00 - Nº 1 042

## Carta ao Leitor

O governo do presidente José Sarney, mais uma vez, está diante de uma excelente oportunidade de acertar. É preciso, para tanto, que leve adiante na prática sua decisão de desmontar um pedaço considerável da máquina federal, em consequência da redistribuição fiscal determinada pela Assembleia Nacional Constituinte. Após sua irritada reação inicial, quando clamou que a diminuição da receita federal em favor dos Estados e municípios seria uma desgraça para o país, o governo acabou evoluindo para uma posição francamente positiva. Já que a União disporá de menos verbas, ponderou o Palácio do Planalto, a força da razão manda que deixe de gastar numa série de programas que doravante deverão ser tocados com recursos locais.

Essa nova postura, muito mais produtiva do que a primeira linha de conduta, é fruto da necessidade concreta — mas revela, também, uma visão muito mais correta daquilo que deve ser o Estado brasileiro. Ele será tanto mais eficiente e sujeito a controles quanto menores forem o tamanho, o poder e a responsabilidade da máquina gerida pelo



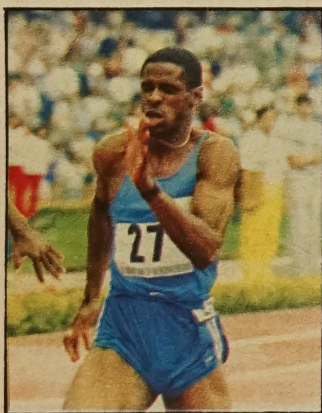
Reunião no Planalto: ordem de desmontar

ARI LAGO

governo federal. Na verdade, a Operação Desmonte, arquitetada pelos ministros da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e do Planejamento, João Batista de Abreu, não deve ser executada apenas porque a Constituinte fez a reforma fiscal, mas principalmente porque o talho no peso da União, estrategicamente, é um passo essencial na caminhada para a modernização do país.

É indispensável, agora, que o governo efetivamente trabalhe para desmontar-se — e abandone de vez os pequenos acessos de despeito e as ameaças tolas que têm marcado o comportamento de alguns de seus ministros, ainda empenhados em dizer que o povo pagará caro pela nova distribuição dos recursos públicos. Pagar, o brasileiro sempre pagou. O problema, portanto, não está aí, e sim na extraordinária capacidade do governo federal de administrar de maneira ruínosa o dinheiro que recebe. O mérito da Operação Desmonte está em fazer com que o poder central, com menos verbas no cofre, tenha menos oportunidades de gastá-lo mal. Tornar o país governável é justamente isso.

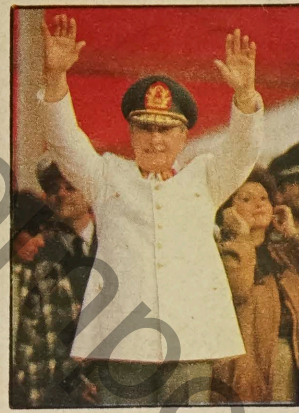
## Índice



**CAPA**  
*Atletas brasileiros, como Róbson Caetano, dão um polimento final a sua forma e medem forças a menos de um mês da Olimpíada.*  
Pág. 74



**BRASIL**  
*A Constituinte trabalha com velocidade, aprova a liberdade total de greve e determina que a censura seja classificatória.*  
Pág. 38

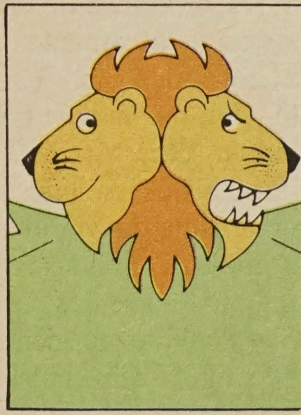


**INTERNACIONAL**  
*Arrancada da economia e arsenal da ditadura são as armas de Pinochet no plebiscito presidencial de outubro.*  
Pág. 54

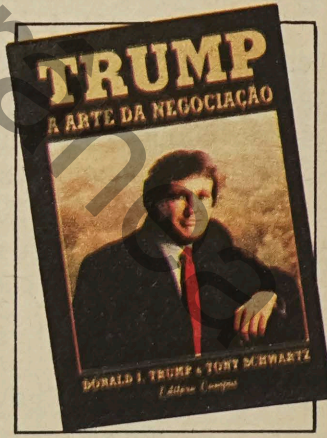
**COMPORTAMENTO**  
*Em seu novo livro, a sexóloga paulista Marta Suplicy mergulha nos mistérios da sexualidade de adolescentes e os desvenda.*  
Pág. 68



**ECONOMIA**  
*O Leão reduz o imposto de renda da maioria, livra da mordida 5,1 milhões de pessoas e simplifica a vida de todos.*  
Pág. 102



**LIVROS**  
*Em A Arte da Negociação, Donald Trump conta como construiu sua fortuna e se tornou um símbolo da era Reagan nos EUA.*  
Pág. 118



ARTE	141
CARTAS	26
CINEMA	131
COTAÇÕES	114
DATAS	100
EDUCAÇÃO	72

EM DIA	31
ENTREVISTA	11
FAMÍLIA	97
GENTE	90
LUIS FERNANDO VERISSIMO	29
MEDICINA	87

MÚSICA	127
PONTO DE VISTA	142
RADAR	53
SAÚDE	93
SHOW	137
VIDA MODERNA	73

## Arte

### Busca constante

O talento de Ivan Serpa numa retrospectiva

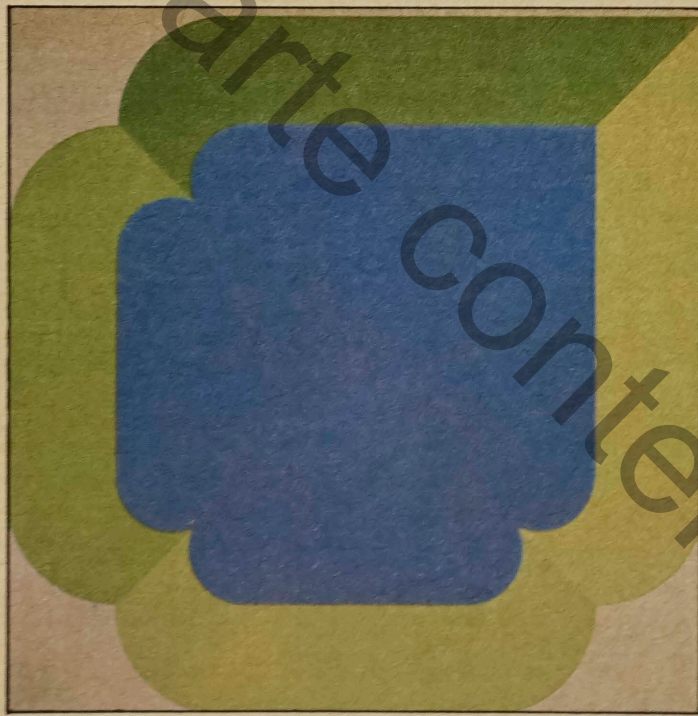
O artista plástico carioca Ivan Serpa, morto em 1973, aos 50 anos, ouviu ao longo de toda a vida uma mesma crítica a sua obra. Ele era acusado de não se fixar numa linguagem, de beber em todas as fontes, mesmo quando antagônicas. Serpa, de fato, não poderia ser definido como um artista coerente, daqueles que perseguem um objetivo durante a carreira e, a partir de um motivo ou tema, tenta apurar cada vez mais seu trabalho. Ao contrário, foi uma espécie de antena, captando e filtrando influências de todas as espécies. Na década de 50, foi o fundador e figura de proa do Grupo Frente, ligado ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que lançou as bases da arte concreta no país — ao lado dos paulistas do Grupo Ruptura. Tempos depois, lá estava Serpa, de volta ao figurativismo, pintando imensas cabeças em desespero durante sua fase negra. Mais: Serpa flertou com o abstracionismo informal logo depois de abandonar o concretismo e ainda mergulhou na op art. Essa multiplicidade de tendências configuraria, de fato, um artista incoerente?

A resposta pode ser obtida na exposição *Ivan Serpa*, que marca a inauguração da Tríade Galeria de Arte, no Rio de Janeiro, aberta na semana passada e que se estende até o dia 18 de setembro. As 36 obras em exposição mostram que Serpa atravessou várias escolas, mas deixou marcada sua passagem em todas elas, como um grande artista. “Quando troco uma técnica por outra, é porque cheguei a um perfeito domínio e devo substituí-la sob pena de estagnar-me”, disse ele em 1967. Essa espécie de furor criativo, imune a barreiras de estilo ou técnica, é o legado de Serpa, sua grande contribuição à arte brasileira. “Ele sempre foi muito sensível a manifestações e tendências novas, como se tivesse uma necessidade imperiosa de experimentar tudo”, diz Abraham Palatnik, que expôs com o Grupo Frente e é um dos pioneiros da arte cinética.

“BOTOCUDA” — As obras em exposição, que não estão à venda, tentam abranger todos os períodos de Serpa. “Quando o artista é aprovado comercialmente, teme



*Figuras e Letra*: o rigor de um artista que passou ao largo da estagnação



*Série Amazônica n.º 10*: volta ao geométrico

distanciar-se da fórmula que deu certo, mas com Serpa ocorria justamente o contrário”, constata Janete Costa, que organizou a retrospectiva. Quando os alunos do curso do MAM, iniciados por Serpa no concretismo, como Lygia Pape, Lygia Clark e Hélio Oiticica, saltavam para a experiência neoconcreta, na virada da década de 50, ele enveredava pelo abstracionismo informal — uma tendência que marcou a Bienal de São Paulo de 1959 — até chegar numa de suas melho-

res fases, a negra, em que gigantescas cabeças refletiam os medos da época — a ameaça atômica, a fome na África, enfim, o desespero do ser humano confrontado com suas próprias criações. A fase negra acabou substituída por um caminho que uniu telas de extremado lirismo a outras de forte apelo erótico.

Lentamente, o artista retomou o caminho do geometrismo, algo que havia criticado em seus alunos por considerar os vãos concretos tendências típicas de países industrializados. “Devíamos seguir a arte botocuda”, chegou a dizer na época. O reencontro com o rigor geométrico pode ser pressentido no quadro *Figuras e Letra* — uma simbiose entre seres expressionistas e composição construtiva — e se mostra inteiro na série amazônica e *Quadrados*, feitos na virada da década de 60. A importância da exposição na Tríade é justamente trazer ao público os vários caminhos experimentados por Serpa. “Ele foi professor de toda uma geração, mas os jovens não o conhecem”, acredita Janete Costa. Ver essa tímida mostra (em 1974, o MAM dedicou-lhe uma retrospectiva com 274 obras) equivale a aprender um pouco sobre os caminhos trilhados pela arte brasileira em um de seus períodos de maior assombro e invenção. ●

Fase negra: encontro com o figurativismo em obra densa

